

## A REFORMULAÇÃO E OS CONECTORES REFORMULATIVOS: UMA REVISÃO TEÓRICA

### Reformulation and the reformulative connectors: a theoretical review

Daniel Mazzaro<sup>1</sup>

**RESUMO:** A reformulação é um processo linguístico-discursivo a respeito de cuja definição não há consenso. Este artigo se propõe, portanto, a fazer uma revisão das obras mais importantes sobre o procedimento de reformulação e destacar os conectores que estabelecem essa relação entre segmentos textuais desde o ponto de vista semântico-pragmático.

**Palavras-chave:** reformulação; conectores reformulativos; marcadores discursivos.

**ABSTRACT:** Reformulation is a linguistic-discourse process that does not have a consensus on its definition. This article proposes, therefore, to review the most prominent works on the recast procedure and highlight the connectors that establish the relationship between textual segments.

**Keywords:** reformulation; reformulative connectors; discourse markers.

### INTRODUÇÃO

Os estudos direcionados a marcadores discursivos (doravante MDs) e conectores têm aumentado bastante na área textual com a mudança de foco da estrutura do texto para seus aspectos discursivos. A partir dos avanços da semântica, da pragmática e da análise do discurso, observa-se uma tendência a ultrapassar o estudo limitado às estruturas gramaticais da oração e a estender ao texto, já que é nele que o estudo gramatical encontra sua atualização e seu sentido (VEZ, 2000, p. 149).

Para vários estudiosos, uma das maneiras de alcançar o sucesso de que um texto possa fazer sentido é por meio de conexões entre as palavras, frases, orações e parágrafos (ou por meio de conexões de enunciados ou membros discursivos). Segundo Escandell (2006), um dos problemas que mais preocupou, primeiramente os gramáticos e filósofos, e em seguida os

---

<sup>1</sup> Doutorando em Análise do Discurso na UFMG, Professor Assistente de Língua Espanhola na UNIFAL. letrsdaniel@yahoo.com.br

pragmaticistas, foi o de descrever o valor dos elementos de conexão entre orações. Enquanto alguns tomaram esses elementos como o ponto central que articula a teoria da razão, como no caso da conclusão que procede às premissas de um silogismo, outros se ocuparam de seu funcionamento e de seu valor nas línguas naturais.

Então, devido à diversidade de critérios adotados e às diferentes proposições metodológicas a partir dos quais se tem abordado o estudo dos MDs e dos conectores, não se chegou a um acordo em questões básicas como a denominação e definição de seu conceito. Por isso, é possível encontrar termos como *õmarcadores de relação textualö*, *õoperadores discursivosö*, *õenlaces extraoracionaisö*, *õconectores discursivosö*, *õconectores pragmáticosö*, *õpartículas pragmáticasö*, *õpartículas discursivasö* etc., referindo-se, muitas vezes, aos mesmos elementos estudados e, além disso, os conceitos atribuídos a esses termos ora se identificam, ora se complementam.

Para este trabalho, usaremos os termos *õmarcadores discursivosö* e *õconectoresö* como sinônimos, embora saibamos que existem diferenças teóricas entre eles. Entenderemos como conectores uma classe de expressões linguísticas que reagrupa, além de certas conjunções de coordenação (*õmasö*, *õportantoö*, *õoraö*, *õentãoö*), certas conjunções e locuções conjuntivas de subordinação (*porque*, *como* etc.), grupos nominais ou preposicionais (*õapesar dissoö* etc.), advérbios e locuções adverbiais (*õno entantoö* etc.) e algumas estruturas que possuem um esvaziamento semântico, como parece acontecer com *õseja como forö* (MAZZARO, 2009).

Essas expressões linguísticas possuem a função de estabelecer uma relação coesiva com, pelo menos, o enunciado que as precede no discurso. Tal relação coesiva pode se referir a mais de um enunciado anterior, inclusive pode afetar toda a porção de discurso precedente, ou seja, pode conectar um enunciado a todo o texto que vem antes do conector. Ao ligar, portanto, unidades de diferentes níveis (palavras, proposições, conjuntos de proposições, grandes porções de texto), os MDs guiam, de acordo com suas diferentes propriedades morfosintáticas, semânticas e pragmáticas, as inferências que se realizam no momento da comunicação.

Por outro lado, algumas relações só existem entre diferentes segmentos textuais graças à presença desses elementos conectivos explícitos, como é o caso da reformulação, a qual será descrita a seguir junto com seus conectores. Antes, porém, trataremos da problemática da definição de reformulação.

## A PROBLEMÁTICA DA DEFINIÇÃO

A atividade de reformulação, de acordo com Harvey (1997, p. 163), é entendida como um fenômeno discursivo e intertextual complexo, de natureza parafrástica e de caráter interativo e avaliativo. Para ela, no fenômeno da reformulação se põe em jogo uma contradição fundamental, a dialética entre o "mesmo" e o "outro" e que esta dialética pode ser apreendida no plano interpessoal e no plano textual do discurso.

Harvey (1997, p. 164) distingue dois enfoques no estudo da paráfrase na linguística atual. O primeiro deles tem como objetivo apreender a reformulação como um fenômeno parafrástico de origem linguística, considerando o fenômeno como uma relação semântica que se estabelece no nível do sistema da língua. Já o segundo, por outro lado, considera a paráfrase como um fenômeno inerente ao discurso e se origina em suas operações constitutivas. Para Harvey (1997), é possível e necessário considerar ambos os aspectos para dar conta do fenômeno.

Para muitos estudiosos, a reformulação está contida na paráfrase, principalmente quando a consideram de natureza parafrástica. Hilgert (2006, p. 275), por outro lado, afirma o contrário:

O *paraphraseamento* é uma estratégia de construção textual que se situa entre as atividades de reformulação, por meio das quais novos enunciados remetem, no curso da fala, a enunciados anteriores, modificando-os parcial ou totalmente. Na medida em que buscam dar um tratamento linguístico-discursivo a segmentos já formalmente instalados no texto falado, as paráfrases têm um *escopo retrospectivo*. Assim como as outras atividades de reformulação e a repetição e a correção, as paráfrases sempre implicam algum deslocamento de sentido, concorrendo para a progressividade textual. (destaques do autor)

Além de colocar o *paraphraseamento* como uma modalidade de reformulação, Hilgert o considera como uma forma de deslocamento de sentido.

O autor também faz um histórico do termo *paráfrase*, quando era visto como *equivalência semântica* (entendida como *parentesco semântico*) que pode manifestar-se em grau maior ou menor, mas nunca como uma equivalência semântica absoluta. Em seguida, fala do critério da *predicação de identidade*, no qual, além da equivalência semântica entre dois enunciados, leva-se em consideração o ato de dois enunciados serem produzidos e encadeados de tal maneira que devem e podem ser compreendidos como *idênticos*. Essas relações semânticas são, na verdade, declaradas (predicadas) pelo enunciador a cada momento

da evolução interativa, para produzir as mais variadas modulações semânticas destinadas a assegurar a compreensão desejada e a levar a bom termo o ato da comunicação.

A partir de exemplos da modalidade oral da língua, Hilgert afirma que a relação de equivalência se constrói no discurso, tornando os enunciados reconhecíveis graças ao conhecimento extratextual, comum a ambos interlocutores, como o exemplo a seguir (HILGERT, 2006, p. 276-277):

m Li ó e eu acho que me realizaria mais... como orientadora do que como professora  
 quer dizer a professora ela... no fundo ela é uma orientadora... porque:: quase  
 sempre ela É procurada pelos alunos... quando surgem os problemas não é?  
 p então... mas eu acho que um:: trabalho assim... DE gabinete... eu gostaria mais  
 sabe? (destaques do autor)

Por conhecimento extratextual reconhecemos que o trabalho da orientadora em grande parte acontece dentro de um gabinete.

A partir disso, há duas concepções de paráfrase: uma estática, segundo a qual os enunciados estão em relação parafrástica na medida em que têm seu parentesco semântico determinado por um núcleo de sentido comum invariável, e uma dinâmica, segundo a qual o caráter parafrástico entre enunciados resulta de relações semânticas locais, do tipo associativo, construídas pelo jogo da interpretação. Nessa perspectiva, a paráfrase não é, em si mesma, uma propriedade de formulações linguísticas, mas o resultado de uma estratégia cognitivo-discursiva dos sujeitos. É essa a concepção de paráfrase que Hilgert toma em seu trabalho, pois leva em conta o parafraseamento como uma estratégia de que se valem os interlocutores para produzirem dinamicamente referências textuais, levados pelos propósitos da ação interativa.

Grosso modo, temos até agora uma concepção de reformulação que leva em conta diversos fatores discursivos:

- 1) seus interlocutores e contextos extralinguísticos, uma vez que se trata de uma ação interativa de sujeitos inseridos no mundo que lançam mão desse recurso para fins comunicativos;
- 2) os contextos linguísticos, já que estão em jogo dois enunciados, no mínimo: um chamado de discurso fonte e outro de discurso reformulado. Importante observar que, no caso da reformulação, a relação entre os dois enunciados é definida a partir da proximidade semântica.

Um fato discutido por Hilgert merece uma análise mais atenta: os chamados marcadores discursivos parafrásticos, que chamaremos aqui de conectores reformulativos.

## A REFORMULAÇÃO E OS CONECTORES DE REFORMULAÇÃO

O processo de reformulação foi bastante estudado por Corinne Rossari em sua obra de 1993, a qual influenciou diversos outros linguistas como Martín e Portolés (1999) e Garcés (2008). Em um estudo contrastivo entre o francês e o italiano, a pesquisadora suíça traçou definições do fenômeno da reformulação e apresentou, por meio de exemplos construídos e originais, suas conclusões sobre o uso de conectores dessa categoria.

Inicialmente, Rossari (1993) considera que, dentre as diversas funções interativas que podem unir dois atos discursivos, a função interativa de reformulação parece estar mais diretamente ligada à presença de um marcador especializado do que a da argumentação. De fato, quando inserimos um MD reformulativo, anulamos a função interativa do argumento de conclusão para substituí-la por uma função interativa de reformulação, como comprova o exemplo proposto pela autora:

[1] Max se esqueceu de ir à reunião. Ela foi cancelada.

A primeira conexão que fazemos entre ambas as frases é a conclusiva, que poderia ser por meio do conector *õpor issoõ*:

[1a] Max se esqueceu de ir à reunião. Por isso, ela foi cancelada.

No entanto, a ideia de reformulação não é a esperada e só acontece se colocarmos um conector desse grupo:

[1b] Max se esqueceu de ir à reunião. De toda forma, ela foi cancelada.

Essa observação de Rossari se deve à sua escolha de tratar as relações do discurso sob o ponto de vista lexical fraco (ROSSARI, 2000). A autora serve-se da restrição que os conectores exercem sobre as continuações linguísticas que lhes são adjacentes para determinar a natureza da relação do discurso que eles instauram. Essas restrições são observadas sobre a base das possibilidades de substituição de conectores muito próximos semanticamente. Esses conectores são reagrupados em função de uma relação conceitual que são todos obrigados a exprimir. Essa relação não deve ser entendida como uma cópia da relação cognitiva ou funcional que se percebe sem conector.

Ao adotar este ponto de vista, Rossari observa que não há uma equivalência sistêmica entre relações não marcadas e relações marcadas com conectores. Além disso, ela nota a existência de relações marcadas por um conector que não correspondem a nenhuma das *õprimítivas cognitivasõ* (aspas da autora) consideradas nas abordagens conceituais para

determinar os diferentes tipos de relação de coerência: causa-consequência, contraposição e adição.

A reformulação é uma dessas relações que não corresponde às primitivas cognitivas. Para a autora (ROSSARI, 1993), a reformulação é uma operação de mudança de perspectiva enunciativa que vem de uma retrointerpretação do movimento discursivo antecedente. O locutor, seguindo uma primeira formulação dada como autônoma e, portanto, formadora de um movimento discursivo, acrescenta um segundo movimento discursivo que vem englobar a primeira formulação e subordiná-la retroativamente. Essa nova formulação, apresentada como ato principal, é introduzida por um conector reformulativo e o uso desse conector permite ao locutor indicar explicitamente a mudança de perspectiva enunciativa operada.

Dessa forma, Rossari considera conector reformulativo todo marcador suscetível de apresentar um ponto de vista introduzido como uma reconsideração do ponto de vista ao qual ele reflete. Assim, o termo *reformulação* deve ser compreendido como um processo de retrointerpretação: ela não produz somente uma modificação quanto à forma, mas quanto à maneira como o locutor apreende a realidade evocada em um ponto de vista a partir da perspectiva enunciativa escolhida.

Em sua obra dedicada exclusivamente ao estudo teórico-descritivo dos procedimentos de ordenação e reformulação, Garcés (2008, p. 69) complementa que a reformulação reflete a capacidade dos falantes de escolher as formulações linguísticas que consideram mais adequadas em cada momento para configurar o texto, segundo sua intenção comunicativa, e se mostra, além disso, como um guia que ajuda o interlocutor a obter as inferências apropriadas para interpretar adequadamente a mensagem.

Del Saz Rubio (2009), na introdução de seu artigo em que contrasta os marcadores de modificação (como, por exemplo, *para ser mais exato* e *ou melhor*) em inglês e espanhol, propõe algumas razões que subjazem ao por que se leva a cabo uma reformulação e, para a autora, seja a língua que for, elas estão intimamente ligadas à natureza interativa da comunicação. Os falantes não apenas possuem a habilidade de comunicar-se em um código determinado, mas também podem se referir ao mesmo processo comunicativo no qual se encontram imersos em um determinado momento. Os falantes podem reajustar suas intervenções, modificá-las e corrigi-las se consideram que a direção que o intercâmbio comunicativo está tomando não é o que eles tinham em mente originariamente. Neste sentido, *reformular* uma intervenção prévia pode resultar sumamente útil para a ótima transmissão do significado (DEL SAZ RUBIO, 2009, p. 164). Assim, a reformulação é um recurso

metalinguístico para prevenir, indicar ou solucionar problemas comunicativos, assim como para facilitar a coesão e coerência textual, o qual redundando na progressão discursiva do mesmo. Em determinadas ocasiões, a intenção de reformular pode responder a um desejo de criar determinados efeitos humorísticos, ou como um recurso estilístico, ou como mecanismo de controle da tomada de turnos na interação oral.

Em qualquer caso, a reformulação é uma atividade discursiva que permite o falante voltar sobre uma formulação inicial. Garcés (2008, p. 70) lembra que o conceito já foi tratado em diversas perspectivas. Alguns estudiosos, como Gülich e Kotschi, consideram esse processo como um mecanismo para resolver problemas comunicativos. Eles, inclusive, analisam que, quando o falante considera que o que foi expresso anteriormente não é de todo adequado ao que se pretende comunicar, ele volta e reformula o que foi dito de uma maneira diferente. Outros estudiosos, como D. Blakemore, que segue a perspectiva da Teoria da Relevância, asseguram que a decisão de reformular uma expressão se deve ao fato de que o falante reconhece que sua reformulação inicial não conseguiu ser o suficientemente relevante segundo seus propósitos comunicativos e teve que formulá-la de novo para obter a relevância ótima.

Seja qual for a teoria seguida, todas concordam com o fato de a reformulação tratar-se de um procedimento de organização do discurso que permite ao falante voltar sobre um segmento anterior para reinterpretá-lo e apresentá-lo desde uma perspectiva diferente. No entanto, os processos de reformulação não são todos iguais e, por isso, se distinguem dois tipos de relações fundamentais: a parafrástica e a não parafrástica.

Na reformulação parafrástica, segundo Rossari (1993, p. 14), há uma equivalência semântica entre dois enunciados, sobretudo pelo ato de predicção de identidade: dois enunciados são produzidos e se encadeiam de tal maneira que podem e devem ser compreendidos como idênticos. É o que acontece no exemplo abaixo:

[2] O leopardo é um quadrúpede, ou seja, caminha sobre quatro patas.

O membro discursivo *quadrúpede* é idêntico ao membro posterior *caminha sobre quatro patas*, isto é, ambos segmentos se referem ao mesmo estado de coisa e são equivalentes.

Rossari (1993, p. 14-15) ressalta que um marcador de reformulação parafrástica (MRP) pode assinalar uma relação desse tipo independentemente do contexto, pois as propriedades semânticas desses marcadores permitem instaurar uma predicção de identidade inclusive entre enunciados que não possuem nenhuma equivalência semântica. Dessa forma,

existem casos em que a reformulação parafrástica se apoia na existência de um parentesco semântico entre os dois enunciados e outros em que a identidade se estabelece em um determinado contexto discursivo entre os enunciados que se apresentam como se fossem equivalentes. O primeiro tipo permite realizar uma análise baseada nas relações significativas dos dois enunciados, como fizemos em [2]; no segundo tipo, a vinculação apenas pode ser estabelecida através de um processo inferencial e, portanto, a presença dos marcadores discursivos é necessária para indicar a relação de equivalência que se quer assinalar entre os enunciados, como no exemplo [3]:

[3] *“Somos liberais, ou seja, democratas sem adjetivos, e afirmamos uma sociedade que inclua todos nas possibilidades de progresso.” (Folha de São Paulo, 11/12/2007)*

A relação de *“identidade”* entre o membro discursivo *“somos liberais”* e o membro *“democratas sem adjetivos”*, ou seja, de serem equivalentes semanticamente, só acontece devido à presença de *“ou seja”*, já que, semanticamente, ser liberal não é idêntico a ser democrata sem adjetivos, mas é uma relação possível (e obrigatória) construída no contexto graças à presença do conector assinalado.

Devemos entender equivalência semântica, portanto, como o fato de os interlocutores atribuírem aos enunciados relacionados uma base sêmica comum e uma série de características diferenciais condicionadas pela situação e pelo contexto. A relação de parentesco semântico pode surgir a partir de um núcleo de significado comum, como em [2], mas pode também basear-se em semelhanças que se originam no contexto, como resultado da interpretação dos enunciados conectados por um reformulador, como em [3].

Em suma, a relação parafrástica não é uma propriedade das formulações linguísticas, mas o resultado de uma estratégia cognitivo-linguística dos falantes que passam a identificar momentaneamente as significações dos enunciados vinculados, anulando as diferenças em benefício das semelhanças (GARCÉS, 2008, p. 72). O tipo de equivalência que se deve estabelecer nesse caso, portanto, não se deve limitar a uma equivalência fechada e estática, mas, sim, a uma relação de parentesco semântico que surge de um trabalho dinâmico sobre as significações dos enunciados, ou seja, trata-se de assinalar em que condições interpretativas podem-se considerar equivalentes dois enunciados (GARCÉS, 2009, p. 19). Dessa forma, para Rossari (1993, p. 16-17), uma operação de reformulação parafrástica só acontece por meio de um MRP. Caso contrário, trata-se de uma *“reprise”*, ou seja, não há operação de

predicação, e há uma função interativa de reformulação, e não a reformulação propriamente dita.

Ao considerar a reformulação parafrástica como uma relação de equivalência entre dois segmentos discursivos que possuem o mesmo nível hierárquico, podemos estabelecer graus nessa relação que pode ser mais forte ou mais fraca dependendo dos constituintes conectados e dos marcadores de reformulação empregados. Desse modo, os vários tipos de reformulação parafrástica se diferenciam pela relação semântica estabelecida entre os termos da paráfrase e pelas marcas de conexão. A relação de paráfrase se configura em torno de três tipos, segundo Garcés (2009):

- a) Expansão: a expansão reformulada é mais ampla semanticamente que a expressão de referência;
- b) Redução: os traços semânticos de uma unidade semântica mais complexa são condensados na expressão reformulada;
- c) Variação: os traços semânticos são equiparáveis.

A consideração de uma reformulação não parafrástica foi proposta por E. Roulet (1987) a fim de diferenciá-la da anterior, caracterizada, segundo ele, como uma operação que une constituintes do mesmo nível hierárquico entre os quais simplesmente se estabelece uma relação de paráfrase. Na reformulação não parafrástica, ao contrário, a nova reformulação supõe uma mudança de perspectiva enunciativa ao mesmo tempo em que estabelece uma subordinação hierárquica do segmento de referência a respeito do segmento reformulado.

Neste mesmo sentido, Rossari (1993, p. 18-21) considera a reformulação não parafrástica como uma forma de operar uma retrointerpretação a fim de se remeter a uma nova perspectiva enunciativa anunciada pelas instruções semântico-pragmáticas do marcador. Essa mudança de perspectiva dá lugar a uma tomada de distância que pode ser medida em grau (maior ou menor), o que levou a autora a classificar os marcadores em quatro grupos:

- a) Recapitulação: o locutor volta à primeira formulação a fim de tirar o essencial. A tomada de distância é pouco acentuada, pois o locutor não põe em questão o ponto de vista expresso na primeira formulação;
- b) Reexame (ou Reconsideração): o locutor indica que, tendo que enunciar uma nova formulação, ele faz uma revisão de todos os elementos de um ponto de vista expresso explicitamente ou não. A tomada de distância em relação à primeira formulação é fraca, mesmo se após esta operação o locutor for levado a introduzir um novo ponto de vista. Um marcador deste tipo permite ao locutor legitimar a introdução de um ponto de vista novo ou inesperado, já que é apresentado como

tendo sido assunto de um exame preliminar dos elementos do ponto de vista ao qual ele reenvia;

- c) **Distanciamento:** possui uma tomada de distância um pouco maior que os outros dois grupos, mas não existe uma reenunciação. Alguns conectores deste grupo especificam se a tomada de distância que eles instauram concerne-se no aspecto modal (como *de toute façon* e *de toute manière*) ou factual (como *en fait* e *en réalité*) do problema levantado na primeira formulação. No primeiro caso, o enunciado introduzido deve ser considerado como independente da modalização do problema posto na primeira formulação; já no segundo caso, os conectores permitem que a reformulação seja mais próxima dos fatos;
- d) **Renúncia (ou Invalidação):** essa operação traz uma mudança de perspectiva que instaura uma tomada de distância muito acentuada, pois o locutor renuncia retroativamente a um aspecto de sua primeira formulação.

Um aspecto importante da reformulação e, especificamente dos reformuladores, se refere à presença obrigatória (ou não) do marcador entre os enunciados. Segundo Garcés (2009), isso depende do tipo de relação que se configura. Se a equivalência semântica entre os membros discursivos se baseia em traços significativos comuns, como no exemplo [2], seu emprego não é imprescindível, já que a relação pode se manifestar por outros meios, como o paralelismo sintático (õO leopardo é um quadrúpede, caminha sobre quatro patas.ö). No entanto, se a equiparação surge como um fato de discurso, está determinada pelo falante e requer que o ouvinte realize um processo inferencial para poder ter acesso a ela, a presença do marcador é obrigatória, como no caso [3], no qual, se suprimimos o marcador õou sejaö, o enunciado õdemocratas sem adjetivoö é interpretado como uma característica a mais do *nós*.

Garcés (2008 e 2009), após análise atenta de diversos pesquisadores, propõe sua perspectiva (e será essa a que nós seguiremos neste trabalho) de que o processo de reformulação consiste em voltar sobre um conteúdo de um membro ou de um enunciado anterior ou sobre o ato de enunciação, para expressá-lo de outra maneira, equivalente ou diferente. Trata-se de um procedimento de reinterpretação discursiva, que evidencia a intencionalidade do falante de guiar o interlocutor para que interprete a mensagem da maneira adequada. As razões que motivam esse processo são de diverso tipo:

- a) pretende-se explicar o que foi dito em uma formulação prévia. Nessa reformulação, os conectores podem manifestar uma relação baseada na equivalência discursiva estabelecida entre os segmentos conectados, e, nesse caso, a equiparação não vem dada somente pelas relações significativas, mas se origina como um fato de discurso

e é o falante o responsável por estabelecê-la em um contexto determinado. Os conectores deste grupo são definidos como conectores de explicação:

[4] ãA polícia de Los Angeles apressou-se em decretar que a morte de Brittany se deu por «causas naturais» **Ou seja**, não foi acidente, assassinato ou suicídio, e também não se encontraram drogas ilegais.ö (Folha de São Paulo, 28/12/2009)

b) pretende-se retificar o que foi dito em um segmento anterior. Assim, os conectores de retificação assinalam que o segmento de referência não se considera suficientemente adequado, por isso se modifica pelo segmento reformulado, ou que não é apropriado e, por isso, é substituído por uma nova formulação:

[5] ãA fé no poder abstrato da moeda não nos diz nada das relações de força que significam quanto ela «vale» **quer dizer**, da moeda enquanto relação social.ö (Folha de São Paulo, 11/12/2009)

c) pretende-se recapitular o anterior mediante uma nova formulação. Nesse caso, os conectores caracterizam-se por englobar em um último segmento as características mais relevantes ou representativas do que se expressou nos segmentos anteriores, por isso são chamados de conectores de recapitulação:

[6] ãJOSÉ SARNEY ficou. E o recado é: político agora só tem de prestar conta do que faz em época de eleição. Não é mais apenas um deputado do baixo clero que «se lixa» para a opinião pública, mas todo o sistema. Incluindo o Executivo, que banca Sarney, e o Judiciário, responsável pela censura imposta ao jornal *O Estado de S. Paulo*.

O eleitorado que espere a sua vez. Enquanto isso, pode se contentar com as duas explicações subentendidas que vêm com essa atitude. Primeiro, era necessário parar com a guerra de denúncias, porque, do contrário, iria acabar em punições e muito pouca gente escaparia da degola. Além disso, não há mesmo quadros muito melhores do que os atuais. **Em suma**, por falta de opção, a grande maioria vai acabar se reelegendo em 2010.ö (Folha de São Paulo, 18/08/2009)

d) pretende-se fazer uma reconsideração e expressar-se desde um novo ponto de vista. Os conectores, portanto, são chamados de conectores de reconsideração porque supõem uma volta aos membros precedentes e a formulação de um novo ponto de vista que pode estar na mesma direção que todos ou de um dos segmentos prévios, ou pode ser um ponto de vista que reúne tanto os elementos concordantes como os discordantes, ou até mesmo um ponto de vista contrário ao anterior:

[7] ãSalário inicial de cerca de R\$ 18 mil, status, cargo de chefia e liberdade de atuação. Quem não gostaria de ter um emprego desses?

Por incrível que pareça, o Judiciário brasileiro tem centenas de vagas assim, em diversos Estados, e não as preenche simplesmente porque os candidatos não conseguem passar nos concursos para juiz.

O Tribunal de Justiça de São Paulo, por exemplo, colocou 183 cargos de magistrados em disputa no ano passado. Houve 5.459 pessoas inscritas, mas, **no final das contas**, só 76 foram aprovadas. (Folha de São Paulo, 19/01/2009)

- e) pretende-se estabelecer uma separação de diferente grau. Os conectores de separação dão lugar a uma revisão do que foi dito no segmento de referência, que implica a perda parcial ou total de pertinência do que foi expresso previamente;

[8] AS RECENTES mudanças no comando do Ministério da Justiça trouxeram à tona, mais uma vez, este que é um dos maiores desafios à construção de uma verdadeira ordem democrática no país: a necessidade de concebermos estratégias responsáveis para mediar a nossa relação com a violência.

Assumir esse desafio está longe de ser tarefa das mais fáceis quando crescem clamores por soluções simplistas, como a redução da maioria penal ou a adoção da pena de morte. **Em todo caso**, foi o que fez nesta seção o novo titular da pasta, ministro Tarso Genro, ao reivindicar uma maior interface entre políticas sociais e políticas de segurança pública. (Folha de São Paulo, 18/06/2007)

Quanto a este último grupo de conectores, é interessante citar o ponto de vista defendido por Domínguez García (2007), que considera as expressões espanholas *en todo caso*, *en cualquier caso* e *de todas formas* como conectores contra-argumentativos restritivos, embora admita seus casos fronteiriços entre a conexão e a reformulação, já que ela segue a diferenciação entre conector e marcador do discurso tal como propõem Martín e Portolés (1999).

Para a autora, a oposição é a relação argumentativa que se estabelece entre dois enunciados do discurso cujos conteúdos expressam entre si algum contraste ou contraposição. Nesse sentido, pode-se falar de dois grandes tipos de relações argumentativas de oposição:

- A contra-argumentação, que é uma relação argumentativa na qual o segundo argumento cancela as conclusões ou as expectativas que poderiam ser obtidas do primeiro argumento, ou substitui, elimina ou corrige o primeiro argumento, superpondo-se a ele:

[9] Obrigado pelo artigo publicado no EL PAÍS no dia 13 de fevereiro a respeito do indulto concedido nos Estados Unidos a um cachorro. Seria muito simples ironizar sobre a sensibilidade de uma sociedade tão preocupada por um cachorro e tão pouco sensível ao assassinato legal de delinquentes (perdão, pena de morte). **Mas** essa ironia seria cruel e injusta para os milhares de estadunidenses que se opõem à pena de morte e que pedem em vão indultos aos governadores do Estado, como aconteceu com as três últimas execuções de Arkansas. (*El País*, 01/03/97)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Tradução livre de *Gracias por el artículo publicado en EL PAÍS el 13 de febrero respecto al indulto concedido en Estados Unidos a un perro. Sería muy sencillo ironizar sobre la sensibilidad de una sociedad tan preocupada por un perro y tan poco sensible respecto al asesinato legal de delinquentes (perdón, pena de*

- O contraste, que é uma relação entre dois enunciados que contém uma comparação entre dois membros que se contrapõem, mas sem cancelar nenhuma conclusão que pudesse ser deduzida de qualquer um deles:

[10] O pensamento dos homens é, em geral, do tipo rodovia, do ponto *a* ao ponto *b*. As mulheres, **em contraste**, têm o tipo de pensamento associativo, podem pensar em muitas coisas ao mesmo tempo. (*El País*, 08/12/96)<sup>3</sup>

Domínguez (2007) ainda faz uma distinção dentro das relações contra-argumentativas e considera que há duas relações possíveis:

- Relação contra-argumentativa restritiva, na qual o segundo enunciado cancela, seja direta ou indiretamente, uma conclusão anterior (isto é, se a conclusão do primeiro enunciado se vê anulada diretamente pelo conteúdo do segundo enunciado, ou se a conclusão do primeiro enunciado resulta cancelada pela conclusão do segundo enunciado, e não diretamente pelo seu conteúdo), mas sem eliminar o primeiro enunciado, como no exemplo [9].
- Relação contra-argumentativa excludente, na qual o segundo enunciado se sobrepõe ao primeiro eliminando-o, substituindo-o, ou retificando-o:

[11] Com isto quero dizer que o problema não é auto-serviço sim ou auto-serviço não; **mas, sim**, um problema de uso das tecnologias e de distribuição de emprego e renda, com o objetivo de alcançar a chamada sociedade de bem-estar e lazer, que é a sociedade pela qual deveríamos lutar. (*El País*, 26/04/97)<sup>4</sup>

Domínguez (2007, p. 122), quando admite a proximidade das expressões espanholas *en todo caso, en cualquier caso* e *de todas formas* ao grupo dos reformuladores, assinala que eles debilitam a força argumentativa do segmento anterior de sua relação, chegando, inclusive, ao seu cancelamento ó função possível como conectores ó ao mesmo tempo em que chamam a atenção sobre seu enunciado, ao qual mostram como imprescindível para a continuidade do discurso, em detrimento do enunciado anterior, que apresentam como não relevante ó função reformulativa.

Montolío (2001) também dedica algumas páginas para analisar as expressões *de todas maneras, de todas formas* e *de todos modos* e observa que frequentemente estas

*muerte*). Pero esa ironía sería cruel e injusta para los miles de estadounidenses que se oponen a la pena de muerte y que piden en vano indultos a los gobernadores de Estado, como sucedió con las tres últimas ejecuciones de Arkansas.ö, citado por Domínguez (2007, p. 89)

<sup>3</sup> Tradução livre de *El pensamiento de los hombres es en general del tipo autopista, del punto a al punto b. Las mujeres, en cambio, tienen el tipo de pensamiento asociativo, pueden pensar en muchas cosas a la vez.*ö, citado por Domínguez (2007, p. 90)

<sup>4</sup> Tradução livre de *Con esto quiero decir que el problema no es autoservicio sí o autoservicio no; más bien es un problema de uso de las tecnologías y de reparto de empleo y renta, con el objeto de alcanzar la llamada sociedad de bienestar y el ocio, que es la sociedad por la que deberíamos luchar.*ö (DOMÍNGUEZ, 2007, p. 97)

expressões apresentam um valor de oposição entre as informações que enlaçam, de um modo semelhante a como faz, por exemplo, o conector contra-argumentativo *sin embargo* e cita o seguinte exemplo para provar que as expressões são intercambiáveis:

[12] El año que está concluyendo ha registrado unos niveles muy elevados de valoración de la economía española. Los mercados consideran muy seriamente la posibilidad de que el país forme parte del grupo inicial del euro. Los esfuerzos en el terreno presupuestario y la seriedad de la política monetaria son valorados muy positivamente por los mercados. **De todas maneras / Sin embargo**, es muy importante no caer en una euforia exagerada.<sup>5</sup>

Entretanto, não existe uma equivalência entre estes conectores reformuladores e os conectores contra-argumentativos, em geral, já que *de todas formas* pode introduzir um segmento informativo coorientado com o precedente, isto é, pode relacionar duas informações sem que se produza uma operação de oposição, contraste ou contra-argumentação entre elas, o que, obviamente, um conector qualificado de ãcontra-argumentativoö não pode realizar:

[13] - ¡Ostras! Lo siento, se me ha olvidado comprar el pastel.  
- **De todas formas**, no nos conviene el dulce, así que no te preocupes.<sup>6</sup>

Neste diálogo, como explica Montolío (2001, p. 93), *de todas formas* une dois argumentos que não se apresentam como antiorientados. A instrução que acarreta *de todas formas* é anular a importância informativa da proposição anterior. Deste modo, uma paráfrase adequada da resposta dada em [13] seria ãno importa que se te haya olvidado el pastel porque no nos conviene el dulceö (note que a sequência *no importa* equivale, de algum modo, a *de todas formas*). Parece claro que aqui as proposições ãesquecer-se do boloö e ãnão nos convém o doceö não se apresentam como contra-argumentadas, o que aconteceria se houvesse sido usado um conector prototipicamente contra-argumentativo, como *sin embargo*:

[14] - ¡Ostras! Lo siento, se me ha olvidado comprar el pastel.  
- # **Sin embargo**, no nos conviene el dulce, así que no te preocupes.

No entanto, esta resposta resulta bastante forçada, o que prova que, a pesar de semelhantes em alguns contextos, *de todas formas* e *sin embargo* não são marcadores idênticos. Mais que isso: o fato de que *de todas formas/maneras/modos* não seja sempre equivalente a um conector contra-argumentativo explica que alguns especialistas os tenham identificado em um grupo a parte, classificando-os como reformuladores de distanciamento.

<sup>5</sup> O ano que está acabando registrou uns níveis muito elevados de valorização da economia espanhola. Os mercados consideram muito seriamente a possibilidade de que o país forme parte do grupo inicial do euro. Os esforços no terreno de orçamento e a seriedade da política monetária são valorizados muito positivamente pelos mercados. **De todas maneiras / No entanto**, é muito importante não cair em uma euforia exagerada. (Tradução livre)

<sup>6</sup> - Droga! Sinto muito, me esqueci de comprar o bolo.

- De toda forma, não nos convém o doce, então não se preocupe. (Tradução livre)

Esta denominação, lembra Montolío (2001, p. 93), resulta bastante transparente, já que esses conectores, de fato, reformulam o que se disse no segmento precedente introduzindo uma conclusão que se distancia de qualquer possível implicação, inferência ou relevância que pudesse aportar o segmento prévio.

É por essa mesma razão que optamos por designar o conjunto de expressões como de todo modo, em qualquer caso e seja como for como reformulativas, de um modo geral e reformulativas de distanciamento especificamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O maior problema da definição de reformulação pode ser a sua simplificação à característica de parentesco semântico que, pelo que pudemos ver nos exemplos, exclui casos como os apontados no subgrupo dos reformuladores de distanciamento. Além disso, o termo parentesco semântico é vago ao ponto de podermos considerar que todo e qualquer processo de conexão, como a causa, a contraposição e a consequência, possui um parentesco semântico entre os termos juntados<sup>7</sup>. O que diferencia, entretanto, a reformulação de qualquer outro processo é o fato de ela apresentar o membro do discurso que segue o conector como uma melhor expressão do que pretendeu dizer com o membro precedente, e isso pode ocorrer de cinco formas: explicando, retificando, recapitulando, reconsiderando ou distanciando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEL SAZ RUBIO, María Milagros. La reformulación del discurso en español en comparación con el inglés: un estudio contrastivo de los marcadores de modificación en inglés y en castellano. In: GARCÉS GÓMEZ, María Pilar (dir.). *La reformulación del discurso en español en comparación con otras lenguas*. Madrid: Universidad Carlos III de Madrid: Boletín Oficial del Estado, 2009.

DOMÍNGUEZ GARCÍA, M<sup>a</sup> Noemí. *Conectores discursivos en textos argumentativos breves*. Madrid: Arco/Libros, S.L., 2007.

ESCANDELL VIDAL, M. Victoria. *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel, 2006 (nova edição atualizada).

<sup>7</sup> Interessante observar que Berrendoner, citado por Marinho (2004), afirma que os conectores, como os anafóricos, se encadeiam frequentemente nas informações que não aparecem no texto, que estão estocados na memória discursiva. Essas informações da memória discursiva têm sua fonte ou no constituinte anterior ou no ambiente cognitivo imediato ou então nos conhecimentos dos interactantes. Seja como for, isso prova que o parentesco semântico é obrigatório na relação de conexão.

GARCÉS GÓMEZ, María Pilar. *La organización del discurso: marcadores de ordenación y de reformulación*. Madrid: Iberoamericana, 2008.

GARCÉS GÓMEZ, María Pilar. La reformulación discursiva. In.: GARCÉS GÓMEZ, María Pilar (dir.). *La reformulación del discurso en español en comparación con otras lenguas*. Madrid: Universidad Carlos III de Madrid: Boletín Oficial del Estado, 2009.

HARVEY, Ana María. La reformulación en el texto escrito. In: *Actas del I Coloquio Latinoamericano de Analistas del Discurso*. Caracas: Universidad Central de Venezuela (Facultad de Humanidades y Educación, Comisión de Estudios de Postgrado), 1997.

HILGERT, José Gaston. Parafraseamento. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Gruenfeld Villaça. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. 1 ed. Campinas - SP: Editora Unicamp, 2006, v. I, p. 275-299.

MARINHO, Janice Helena Chaves. Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso. In: *Revista da Anpoll*. Nº 16. São Paulo. jan/jun. 2004.

MARTÍN ZORRAQUINO, María Antonia & PORTOLÉS LÁZARO, José. Los marcadores del discurso. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta (dir.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* v. 3. Madrid: Espasa, 1999.

MAZZARO, Daniel. õSea como fuereö: un posible conector. In: *Anais do XIII Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol: Integração de Culturas*. João Pessoa, 2009. p. 1-11.

MONTOLÍO, Estrella. *Conectores de la lengua escrita*. Barcelona: Ariel, 2001.

ROSSARI, Corinne. *Les opérations de reformulation: analyse du processus et des marques dans une perspective contrastive français-italien*. Berne, Berlin, Francfort, New York, Paris, Vienne: Peter Lang, 1993.

ROSSARI, Corinne. *Connecteurs et relations de discours: des liens entre cognition et signification*. Nancy: Press Universtaires de Nancy, 2000.

ROULET, E. Complétude interactive el connecteurs reformulatifs. In: *Cahiers de Linguistique Française*, nº 8, 1987. p. 111-140.

VEZ, José Manuel. *Fundamentos lingüísticos en la enseñanza de lenguas extranjeras*. Barcelona: Ariel, 2000.

Recebido em 20 de setembro de 2012

Aceito em 21 de novembro de 2012